

6

La arquitectura
doméstica urbana
de la Lusitania
romana

ANTONIO PIZZO
(Ed.)



MYTRA

monografías y trabajos
de arqueología

6

La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana

Mérida, 2020

La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana.

Editor: Antonio Pizzo.

Año: 2020

Colección: MYTRA, Monografías y Trabajos de Arqueología. Instituto de Arqueología, Mérida (CSIC-Junta de Extremadura). Número 6.

Páginas: 464 + ilustraciones.

D.L.: BA-798-2020

I.S.B.N.: 978-84-09-25720-1

Citar como:

Pizzo, A. (Ed.) 2020: La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana, *Mytra* 6, Mérida.

Esta publicación se ha financiado con el proyecto de investigación del Plan Nacional de I+D: La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de perduración, transformación e innovación técnica (HAR2015-64392-C4-3-P).

Convocatorias 2015. Proyectos EXCELENCIA y Proyectos RETOS

Dirección General de Investigación Científica y Técnica, Subdirección General de Proyectos de Investigación.



© Instituto de Arqueología, Mérida (CSIC-Junta de Extremadura).

© Antonio Pizzo (ed.) y de cada texto, su autor.

Maquetación, composición e impresión:
MÉRIDA JPG IMPRESIÓN DIGITAL. Mérida (Spain)

Antonio Pizzo
(Ed.)

La arquitectura doméstica urbana
de la Lusitania Romana



MYTRA
MEMORIAS Y TRABAJOS DE ARQUEOLOGÍA

COMITÉ EDITORIAL

Dirección:

Sebastián Celestino Pérez y Pedro Mateos Cruz (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Secretaría:

Carlos J. Morán Sánchez (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Vocales:

Juan Pedro Bellón Ruíz (Universidad de Jaén)

Javier Bermejo Meléndez (Universidad de Huelva)

Luis Berrocal Rangel (Universidad Autónoma de Madrid)

Jesús García Sánchez (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Francisco Gracia Alonso (Universidad de Barcelona)

Victorino Mayoral Herrera (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Almudena Orejas Saco del Valle (Centro de Ciencias Humanas y Sociales-CSIC)

César Parceró Oubiña (Instituto de Ciencias del Patrimonio-CSIC)

Luis Gethsemaní Pérez Aguilar (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Antonio Pizzo (Escuela Española de Historia y Arqueología, Roma -CSIC)

Esther Rodríguez González (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Oliva Rodríguez Gutierrez (Universidad de Sevilla)

Trinidad Tortosa Rocamora (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Mar Zarzalejos Prieto (Universidad Nacional de Educación a Distancia)

COMITÉ CIENTÍFICO

Pablo Arias (Universidad de Cantabria)

María Carme Belarte (Institut Català d'Arqueologia Clàssica)

Massimo Botto (Istituto di Studi sul Mediterraneo Antico)

Stefano Camporeale (Università di Siena)

Teresa Chapa (Universidad Complutense de Madrid)

Alexandra Chavarría (Università di Padova)

Jordi Cortadella (Universitat Autònoma de Barcelona)

Sophie Gilotte (Centre National de la Recherche Scientifique)

Sonia Gutierrez (Universidad de Alicante)

Alberto Lorrío (Universidad de Alicante)

Dirce Marzoli (DAI, Instituto Arqueológico Alemán-Madrid)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Ignacio Pavón (Universidad de Extremadura)

Sebastián Ramallo (Universidad de Murcia)

Elisa da Sousa (Universidade de Lisboa)

Xavier Terradas (Institución Milá y Fontanals-CSIC)

Frank Vermeulen (Ghent University)

ÍNDICE GENERAL

INTRODUCCIÓN	
Antonio Pizzo.....	11
CAPÍTULO 1	
<i>El proyecto de investigación: “La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de transformación e innovación técnica” (HAR2015-64392-C4-3-P)</i>	
Antonio Pizzo.....	19
CAPÍTULO 2	
<i>Configuración administrativo-territorial de la provincia Lusitania. Desde su creación al periodo islámico (ss. I a.n.e. – VIII)</i>	
Tomás Cordero Ruiz.....	31
CAPÍTULO 3	
<i>Distribución geográfica y análisis de las viviendas romanas de la Lusitania</i>	
<i>CONVENTUS EMERITENSIS</i>	
3.1 <i>Augusta Emerita (Mérida, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	47
3.2 <i>Augustobriga (Talavera La Vieja, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	67
3.3 <i>Avila (Ávila, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	75
3.4 <i>Caesarobriga (Talavera de la Reina, España)</i>	
Sergio de la Llave Muñoz.....	87
3.5 <i>Capera (Cáparra, España)</i>	
Ana Bejarano Osorio.....	109
3.6 <i>Caurium (Coria, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	117
3.7 <i>Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal)</i>	
José Cristóvão, Pedro C. Carvalho, Ricardo Costeira da Silva, Adolfo Fernández Fernández, Patricia Dias.....	125

3.8	<i>Colonia Norbensis Caesarina</i> (Cáceres, España)	
	Álvaro Corrales Álvarez.....	135
3.9	<i>Salmantica</i> (Salamanca, España)	
	Álvaro Corrales Álvarez.....	143
3.10	<i>Vissaium</i> (Viseu, Portugal)	
	Pedro C. Carvalho, Pedro Sobral de Carvalho.....	153
<i>CONVENTUS PACENSIS</i>		
3.11	<i>Caetobriga</i> (Setúbal, Portugal)	
	Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares.....	165
3.12	<i>Ebora Liberalitas Iulia</i> (Évora, Portugal)	
	André Carneiro.....	177
3.13	<i>Laccobriga</i> . Ruínas romanas de Monte Moliao (Lagos, Portugal)	
	Ana Margarida Arruda, Carlos Pereira, Elisa de Sousa.....	183
3.14	<i>Mirobriga</i> (Santiago do Cacém, Portugal)	
	José Carlos Quaresma, Catarina Felício, Filipe Sousa, André Gadanho, Raquel Guimarães, Rodrigo Banha da Silva.....	195
3.15	<i>Myrtilis</i> (Mértola, Portugal)	
	Virgílio Lopes.....	209
3.16	<i>Pax Iulia</i> (Beja, Portugal)	
	María Conceição Lopes.....	217
3.17	<i>Ossonoba</i> (Faro, Portugal)	
	João Pedro Bernardes.....	227
3.18	Ruínas Romanas de Tróia - Casa da Rua da Princesa (Grândola, Portugal)	
	Jorge de Alarcão, Inês Vaz Pinto, Ana Patrícia Magalhães, Patrícia Brum.....	233
3.19	Ruínas Romanas de Tróia - Casa da Oficina de Salga 6 (Grândola, Portugal)	
	Inês Vaz Pinto, Ana Patrícia Magalhães, Filipa Santos, Patrícia Brum.....	245
<i>CONVENTUS SCALABITANUS</i>		
3.20	<i>Aeminium</i> (Coimbra, Portugal)	
	Helena Catarino, Ricardo Costeira da Silva, Sónia Felipe, Pedro C. Carvalho.....	257
3.21	<i>Collippo</i> (Leiria/Batalha, Portugal)	
	João Pedro Bernardes.....	267
3.22	<i>Conimbriga</i> (Condeixa-a-Velha, Portugal)	
	Virgílio Hipólito Correia.....	273
3.23	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i> (Lisboa, Portugal)	
	Lídia Fernandes.....	297

CAPÍTULO 4

Decoración doméstica en mármol de *Augusta Emerita*

Trinidad Nogales Basarrate..... 311

CAPÍTULO 5

Relações entre a ornamentação pública e privada nas cidades da Lusitânia

Lidia Fernandes..... 343

CAPÍTULO 6

La casa urbana hispano-romana como espacio comercial. El caso lusitano

Macarena Bustamante Álvarez..... 375

CAPÍTULO 7

Arquitectura residencial urbana en Lusitania en la Antigüedad tardía.

Topografía, edilicia y dinámicas de transformación

Pedro Mateos Cruz, Isabel Sánchez Ramos..... 397

CAPÍTULO 8

Balances y perspectivas sobre la arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana

Antonio Pizzo..... 433

3.12 *EBORA LIBERALITAS IULIA* (ÉVORA, PORTUGAL)

ANDRÉ CARNEIRO¹⁸

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Évora tem assistido a um surto de intervenções arqueológicas preventivas e de emergência que se iniciou nos anos 80 do século passado – também motivada pela classificação como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO em 1986 -, mas com particular expressão nos anos mais recentes. Até 2010 contavam-se 84 intervenções arqueológicas da responsabilidade de 55 arqueólogos diferentes mas, nos últimos anos, a contagem tornou-se ingovernável, visto que os instrumentos de monitorização não estão actualizados, por se encontrarem ultrapassados pelo frenesim imobiliário. Os dados mostram como a dispersão de trabalhos é, em si mesmo, um sério obstáculo à investigação, dada a profusão de agentes e lógicas de trabalho, actuando em função das (i)lógicas dos diversos promotores, com notório agravamento nesta última década. A dispersão de trabalhos pela cidade é notória, bem como a ausência de intervenções programadas que ajudem a esclarecer as múltiplas questões pendentes sobre a multidimensionalidade histórica de uma cidade com a diacronia de ocupação que Évora regista. Note-se ainda o paradoxo de estas múltiplas intervenções se materializarem em escassas publicações, a maioria no decurso de estudos iniciados em momentos anteriores e no quadro de projectos com lógicas de investigação sustentada (4 artigos sobre as termas; duas monografias sobre as muralhas; uma sobre a intervenção na praça do fórum) ou no âmbito de projectos académicos de síntese (uma tese de doutoramento e três de mestrado que utilizam informação de intervenções arqueológicas).

Por tradição, a investigação arqueológica centrou-se mais na delimitação de áreas públicas e monumentais da urbe do que no estudo e caracterização dos espaços privados. As sínteses existentes, aliás, poucas referências fazem a este domínio¹⁹, dadas as evidentes problemáticas de trabalhar um tema que, por dificuldades interpretativas da realidade material, tem passado despercebido nas numerosíssimas intervenções feitas no centro histórico eborense. Nesse sentido, a mais completa análise encontra-se no trabalho académico de Pilar Reis que, embora dedicado a um tema específico, oferece uma completa abordagem ao urbanismo eborense, elencando os casos de arquitectura doméstica passíveis de estudo²⁰.

¹⁸ Universidade de Évora. ampc@uevora.pt. Departamento de História da Universidade de Évora, Investigador integrado do CHAIA-UÉ e colaborador do CECH/FLUC. Endereço institucional: ampc@uevora.pt. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>. Pelo apoio concedido à investigação é indispensável agradecer ao Dr. Miguel Pedro (Chefe da Divisão de Gestão Urbanística) e à Dr.ª Rosária Leal (Técnica Superior de Arqueologia) da Câmara Municipal de Évora, e ao Arquitecto João Pires e à Técnica Gabriela Cabeça, da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, por todo o apoio concedido no acesso à documentação.

¹⁹ Mantas (1986), para uma abordagem geral da fase anterior na qual ainda não se registavam intervenções arqueológicas; Caetano e Nogaes Basarrate (2005) e Val-Flores (2011).

²⁰ 2014, vol. I: 235.



Figura: localização dos sítios referidos no texto - elaboração própria sobre *Google Earth*.

2. ARQUITECTURA

EBORA 1: RUA DA ALCÁRCOVA DE CIMA

Localização: No subsolo do Palácio Gouveia, que liga a rua da Alcárcova de Cima à rua de Burgos, foram escavados compartimentos de uma *domus* romana. As dimensões das estruturas que subjazem ao palácio ultrapassam em muito a área passível de escavação, pelo que a planta não ficou clara: embora se refira uma “casa de átrio e peristilo”²¹, de seguro apenas se pode afirmar que existem *cubiculae* decorados com frescos cujos muros marginam um espaço descoberto (átrio?) junto ao troço de calçada que depois segue em percurso ascensional na direcção do *forum*, conforme registado na rua Vasco da Gama (ver ponto seguinte). Esta residência será depois sacrificada no momento de construção da muralha do século III, que se lhe sobrepõe (a denominada “Cerca Velha” que justifica o topónimo da rua). O processo de escavação foi descontínuo: primeira intervenção em 1984 por Caetano Beirão e José Caeiro, da qual foi produzido apenas um breve resumo; trabalhos retomados entre 1989 e 1992 por Rui Parreira e Ana Gonçalves, na zona interior da muralha, pátio do palácio e zona de exposições, sendo que deste momento apenas um breve relatório consta do processo (1990); nova intervenção em espaço contíguo realiza-se em 2005 por Elisa Puch Ramirez, da qual existe um relatório detalhado. Das intervenções nas pinturas murais existem relatórios por Rui Nunes Pedroso (1988) e Maria João Cruz e Ana Sofia Lopes (2010).

Arquitectura: Foram identificados um conjunto de muros que pertencem aos espaços privados de uma *domus*. São individualizadas quatro salas com pinturas murais²², embora a descrição destes elementos estruturais não seja concordante em todos os autores. O derrube da parede noroeste da sala 6 foi

²¹ Gonçalves e Parreira, 1990.

²² Cruz e Lopes, 2010:8.

encontrado *in situ*, permitindo definir um relevante nível preservado²³. Foi também identificado o que parece ser o átrio ou um espaço descoberto de entrada, que é servido por uma rua, embora em nenhum relatório se proceda à descrição deste ambiente. Os muros apresentam construção com pedras de grandes e médias dimensões, ligadas com argamassa e aparelhados nas juntas com recurso a pedras pequenas. Para a construção de alguns destes muros foram escavadas valas de fundação com cerca de 30cm de largura e 30cm de profundidade, abertas no substrato geológico, onde se recolheram alguns materiais elencados no ponto respectivo.

Elementos decorativos: Os revestimentos parietais da *domus* são um testemunho excepcional do que seria a decoração dos ambientes privados na cidade, demonstrando uma relevante qualidade técnica e a adopção de linguagens figurativas comuns a outros espaços urbanos extra-provinciais.

A sala 5 apresenta três paredes revestidas a pintura, tendo a parede Norte 160cm x 113, a Este 240x113 e a Sul 53x70. Sob um fundo negro e vermelho foram representados motivos vegetalistas. A sala 6 tem um largo painel de 290cmx100, no qual “as cores predominantes são verde, ocre, branco, preto, azul, rosa e castanho em variados elementos decorativos como marmoreados, faixas, filetes, contas e medalhão central com pérolas”²⁴. A sala 7 tem duas paredes conservadas (paredes Norte 55x70 e Este 450x106) com motivos simples de faixas monocromáticas (castanho, preto e branco). Note-se ainda a denominada “sala do forno”, com a parede Este recolocada (120x50) tendo como cores o ocre, castanho e branco em motivos geométricos, filetes e faixas.

Instrumentum domesticum: Apenas para a intervenção de 2005 se mencionam materiais: Terra Sigillata Itálica; Terra Sigillata Hispânica; fragmentos de lucerna Loeschke I e VIII; um fragmento de ânfora Oberaden 83-85; um fragmento de almofariz de origem bética. Os materiais são recolhidos nas valas de fundação dos muros, permitindo à autora contextualizar que “todo o material [...] é claramente atribuível a um período entre o final do século I a.C. e o primeiro terço do século I d.C. Deste conjunto destacamos a *terra sigillata* itálica, representada por serviços Haltern I e II, o que confirma uma cronologia [...] mais provável Augustea.”²⁵ A construção da muralha, atribuída a meados do século III e que originou a terraplanagem e entulhamento do espaço residencial²⁶, sela os materiais dos contextos residenciais que no relatório de 1990 são mencionados mas não descritos.

Contexto urbano: A *domus* que é utilizada entre o século I e o III encontra-se em plena malha urbana, com um troço de rua que ascende da actual Praça do Giraldo até à principal área urbana da urbe, defronte do templo. Em meados do século III toda esta zona será sacrificada pela redução do limite urbano, construindo-se a muralha tardo-antiga ou “Cerca Velha”, o que implica a destruição do espaço residencial, coberto com um espesso pavimento em *opus signinum*. Do lado oposto da rua menciona-se a fachada de uma ínsula, que em nenhum relatório consultado surge descrita.

²³ Pedroso, 1988, ponto I: Uma camada compósita conservada com um máximo de 40/45cm de altura a partir do nível de circulação da sala e com aproximadamente 1,30m de largura a partir da parede *in situ*, [...] camada extremamente densa e compactada, encontravam-se restos de pintura mural, argamassa em grande quantidade, estuque moldado e telhas fraccionadas de dimensões variáveis assim como alguns fragmentos de cerâmica comum e sigilata, uma agulha de osso com decoração incisa e alguns pregos [...].

²⁴ Cruz e Lopes, 2010: 8.

²⁵ Puch Ramírez 2005: 10.

²⁶ Gonçalves e Parreira, 1990; Puch Ramírez, 2005: 5.

EBORA 2: RUA VASCO DA GAMA

Localização: Em 2003²⁷, no acompanhamento realizado no eixo da rua Vasco da Gama, no pequeno largo defronte da Fundação Eugénio de Almeida, foi identificado um troço de calçada pertencente a um dos principais eixos viários da cidade, ladeado pelas bases de assentamento de uma estrutura porticada. Os muros junto a estas bases de coluna foram interpretados como os delimitadores de unidades domésticas privadas.

Arquitectura: Pelo teor da intervenção, os resultados não são claros, uma vez que a escavação não decorreu a cotas inferiores ao que estava determinado em obra. Assim, apenas o topo das estruturas foi identificado, ladeando uma calçada com 14 metros de comprimento por 5,70 de largura. Identificaram-se três lajes, que corresponderiam ao assentamento de colunas de um pórtico, e três muros paralelos à via: o 5 (muito destruído), o 6 e o 7, atribuídos à época romana e que apresentam características homogéneas, a mesma espessura (80cm) e ortogonalidade entre si. Muito destruídos pela dinâmica histórica posterior (silos e estruturas de época islâmica), ainda conservam alguns silhares de granito dispersos e são feitos de pedra seca, sem ligante, dispostas longitudinalmente e encostadas sucessivamente.

Elementos decorativos: não existe qualquer menção.

Instrumentum domesticum: não foi recolhido qualquer espólio arqueológico em contexto estratigráfico coerente com as estruturas.

Contexto urbano: os muros pertencem a elementos de fachada que ladeiam uma das principais ruas que permitiam o acesso até à praça do fórum, notando-se que as irregularidades nos espaçamentos das colunas podem significar uma apropriação privada da zona de transitabilidade urbana de época anterior.

CASOS POSSÍVEIS MAS NÃO CONFIRMADOS

EBORA 3: RUA DO MENINO JESUS

Localização: Entre a rua do Menino Jesus e o Largo de Camões, que lhe fica próximo, referem-se estruturas de saneamento (um esgoto e uma cloaca), bem como muros que são atribuídos a uma *domus* situada fora do limite da antiga cerca²⁸.

Arquitectura: são referidos topos de muros, sem menção descritiva. Um tanque de *opus signinum* é interpretado como pertencente a uma estrutura de armazenamento e escoamento de água, sem que sejam fornecidos mais detalhes.

Elementos decorativos: não existe qualquer menção.

Instrumentum domesticum: No relatório alude-se ao facto de o uso habitacional ser validado pelos materiais arqueológicos encontrados, mas estes não são enunciados.

Contexto urbano: Trata-se de uma realidade extra-muros, por se situar no exterior da Cerca Velha, mas não existem quaisquer dados que possibilitem a leitura da envolvente.

²⁷ Correia, 2003.

²⁸ Reis, 2014: 226; 235, a partir de Arez, 2005.

EBORA 4: *TRAVESSA DAS CASAS PINTADAS*

Localização: No Alpendre das Casas Pintadas²⁹, próximo do templo do forum, foi identificado um muro [103] que é interpretado como pertencente a uma edificação (habitacional?) de época romana. As informações não são claras, pois em anteriores trabalhos no local as estruturas de época romana foram relacionadas com estruturas de contenção de água (cisternas) existentes no local.

Arquitectura: É apenas referida a construção “sólida” do muro.

Elementos decorativos: Não existe qualquer menção.

Instrumentum domesticum: Não foi recolhido espólio.

Contexto urbano: Muito próximo da área monumental da cidade, estaria atrás do pórtico que envolveria a praça do forum, no lado oeste do templo. Não é determinável o tipo de contexto da área, embora seja seguro que o muro se sobrepõe a estruturas de contenção de água.

EBORA 5: *ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA*

Localização: Em intervenção de emergência realizada em 2009³⁰ foi encontrada uma das principais necrópoles da urbe, datada do século I d.C., contígua à importante via de saída para *Augusta Emerita*. Neste contexto é descrito um espaço de lagar que apresenta um compartimento anexo, que poderá ter funcionado como área de apoio à laboração ou como espaço doméstico.

Arquitectura: Os elementos estruturais e arquitectónicos não são descritos. A função como espaço residencial não é clara.

Elementos decorativos: não existe qualquer menção.

Instrumentum domesticum: Apenas se menciona o espólio pertencente ao uso funerário do espaço.

Contexto urbano: Trata-se de uma realidade extra-muros, por se situar no exterior da Cerca Velha, parecendo que se sucede à desfuncionalização do anterior uso sepulcral da área (séc. I d.C.).

EBORA 6: *LARGO DE MACHEDE VELHO, Nº 8 E 10*

Localização: Imediatamente no exterior a um troço das muralhas medievais de Évora, e por isso já a alguma distância do que seria o perímetro da urbe romana, no sentido Sudeste. Em 2013³¹, no decurso da construção de uma habitação, foi intervencionada uma pequena área que configura um arruamento. Embora em nenhum momento se refira que as estruturas são de época romana, a observação dos métodos de construção de alguns muros leva a considerar que a primeira fase de construção no local seja atribuída ao século III/IV. Foram também identificados silos e poços de época islâmica/medieval.

Arquitectura: O arruamento (3,63 m) é delimitado por dois muros estruturantes: o muro 3 e o muro 2. Ao primeiro encostam os muros 4 e 5, definindo três compartimentos em sucessão; do lado oposto da rua,

²⁹ Gonçalves, 2014.

³⁰ Dias e Gonçalves, 2009.

³¹ Maia, 2013.

a oeste, o muro 2 tem o muro 1 delimitando dois compartimentos. A ortogonalidade do conjunto é clara, mas não é possível determinar qualquer tipo de funcionalidade para os espaços. Os muros são construídos com pedra seca sem ligante, havendo contudo disposição de blocos maiores nas faces exterior, definindo um paramento elaborado, com enchimento de pedras de pequena dimensão. A obra teve uma primeira fase de acompanhamento com remoção de terras feita por meios mecânicos que identificou o arruamento, e em segundo momento (!) foi efectuada manualmente uma sondagem diagnóstica que permitiu identificar outros muros, mas que apresentam uma técnica construtiva totalmente distinta e heterogénea.

Elementos decorativos: Não existe qualquer menção.

Instrumentum domesticum: Escassos e sem contexto. Alguns fragmentos de ânforas de fabrico lusitano e bético; de cerâmica de paredes finas de fabrico emeritense, e de Terra Sigillata Hispânica. Os materiais mais abundantes são, contudo, de época islâmica.

Contexto urbano: Realidade extra-urbana que não é possível contextualizar.

BIBLIOGRAFIA

Relatórios de intervenção arqueológica

- AREZ, M^a. J. 2005: Rua do Menino Jesus e Largo Luís de Camões em Évora. Relatório do acompanhamento arqueológico. Lisboa, Era-Arqueologia.
- CORREIA, M. 2003: Relatório de trabalhos de acompanhamento arqueológico - Praça do Sertório - rua Vasco da Gama (Évora).
- CRUZ, M. J.; LOPES, A. S. 2010: Relatório técnico da intervenção de conservação das pinturas murais da Casa Nobre da Rua de Burgos – Évora.
- DIAS, C. M.; GONÇALVES, G. 2009: Projecto Parque Escolar – Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora. Projeto arqueológico.
- GONÇALVES, A.M. 2014: Trabalhos Arqueológicos na Travessa das Casas Pintadas – Évora. Arkhaios.
- GONÇALVES, A. M.; PARREIRA, R. 1990: Intervenção arqueológica no Palácio Gouveia - rua de Burgos/Rua da Alcárcova de Cima (Évora, centro histórico). Relatório dos trabalhos de 1989 e resultados preliminares.
- MAIA, M. 2013: Relatório final de trabalhos arqueológicos. Largo de Machede Velho nº 8 e 10, Évora. ArkeoHabilis.
- PEDROSO, R. N. 1988: Évora – Rua da Alcárcova de Cima. Campanhas de escavação de pintura mural – relatório.
- PUCH RAMÍREZ, E. 2005: Realização de Intervenção Arqueológica na Casa Nobre da Rua de Burgos. Arkhaios.
- CAETANO, J.O.; NOGALES BASARRATE, T. 2005 *Imagens e mensagens. Escultura romana do Museu de Évora*. Lisboa.
- MANTAS, V. G. 1986: Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributos para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro. *Trabalhos de Arqueologia*, 13-26.
- REIS, P. 2014, De Lusitaniae Urbium Balneis – *Estudos sobre as termas e balneárias das cidades da Lusitânia*. Coimbra, Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Coimbra, [policopiado].
- VAL-FLORES, G. 2011 *A evolução urbana do centro histórico de Évora. Vol. I*. Eborae Liberalitas Iulia. Évora.

Este volumen es fruto del proyecto de investigación del Plan Nacional de I+D: *La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de perduración, transformación e innovación técnica* (HAR2015-64392-C4-3-P1 , desarrollado entre 2016 y 2019).

Dividido en ocho diferentes capítulos presenta una aproximación a la arquitectura doméstica de la Lusitania en época romana con una reflexión de carácter general sobre la metodología empleada en el análisis de los contextos arqueológicos de la región y una presentación de los objetivos principales del proyecto citado. Una puesta al día de las investigaciones sobre los límites de la Lusitania, su problemática territorial y el análisis de las transformaciones históricas de los procesos de gestión jurídica y administrativa introducen el corpus principal del trabajo que intenta recopilar, de forma homogénea, el mayor número posible de evidencias arqueológicas de arquitectura doméstica. Cierran el volumen una serie de trabajos específicos sobre distintos aspectos del tema general tratado, entre ellos la decoración interna de las casas, la comparación entre elementos arquitectónicos de la arquitectura pública y privada, la economía y los espacios productivos y la arquitectura doméstica tardía.